

UMA CASA NO INTERIOR

Sonia Rodrigues

Dedicatória

A Teruko Oda,

Que me iniciou no haikai
E aos companheiros do Grêmio Caminho das Águas.

Uma casa no interior – Sonia Rodrigues

Ao pequeno leitor

Você sabe o que é haikai?

É a menor forma poética do mundo! Apenas três linhas!

Se você deve está imaginando que o haikai nasceu no Japão, porque os japoneses costumam fazer miniaturas de tudo, até de poesia, acertou.

O haikai não tem rima. Sua beleza está na cena que o leitor imagina ao ler os versos.

O haikai, do jeito como é feito no Japão, traz sempre uma palavra que lembra a natureza: um bicho, uma flor, a estação do ano.

No início de cada estória deste livro há um haikai para você ler e apreciar, porque as estórias deste livro falam de bichos e coisas da natureza.

Boa leitura, amiguinho.

A autora.

*Sinto em minha face
O vento de primavera –
Cheirosas promessas.*

Dedico a meus netinhos e netinhas alguns acontecimentos curiosos que aconteceram comigo e com suas mães, quando elas eram pequeninas.

Boa leitura!

Uma cidade no oeste paulista

Flor de laranjeira

Exótica moradia

De gordos besouros.

A família mudou-se para o interior para ir morar em uma casa. Mamãe achava muito importante ter o que ela chamava ‘qualidade de vida’: muito espaço, ar puro e contato com a natureza.

Camila, de nove anos, e Carolina, de seis, estavam animadas porque, morando em uma casa, poderiam ter um cachorro e também bicicletas. Ao mesmo tempo estavam tristes por deixarem de ver seus atuais amigos.

A cidade escolhida foi Bebedouro, que na época era conhecida como ‘cidade da laranja’. Dizia-se que a laranja era o ouro do oeste paulista e que, nos anos de boa safra, a cidade ficava coberta de dólares.

A mudança aconteceu em novembro, coincidindo com a florada dos laranjais.

Já na estrada o forte perfume de flores de laranjeira surpreendia o viajante. A cada lado da estrada os pomares cobertos de flores brancas encantavam os olhos.

E nas flores, embora não pudessem ver ao longe, havia besouros. Milhares e milhares deles. Os besouros carregam o pólen de flor em flor em seu vôo em busca de alimento, e multiplicam-se assim flores e insetos. Uma multidão de besourinhos alimentados pelo néctar das flores de laranjeiras espalhavam-se por toda parte. Meses depois, milhares de frutos dourados enfeitavam os pomares.

As meninas só perceberam os besouros ao chegar à cidade. Eles estavam por toda parte, no chão, no ar, voando, andando, penetrando nas casas, nos carros estacionados e nas roupas.

A invasão dos besouros durava poucas semanas.

As telas nas janelas e portas mantinham os bichinhos do lado de fora à noite. Durante o dia era inevitável que entrassem entre um abrir e fechar de porta e outro. E para falar a verdade, a porta ficava aberta muito tempo, porque as crianças esqueciam de fechá-la. Até mamãe esquecia-se.

Depois do almoço e à tardezinha, mamãe varria cuidadosamente a casa, enchendo pás e pás de besouros. As meninas ajudavam a procurar aqueles escondidos nos mais estreitos cantinhos, principalmente Camila, que tinha muito medo de que algum lhe entrasse orelhas adentro enquanto dormia.

Camila declarou:

- O nome desta cidade está errado. O nome certo é Bebesouro.

Sentinelas na noite.

É noite estrelada.

Na imensidão sem luar

Pio de coruja.

De manhã cedo Carolina abriu a janela e viu pousada no muro a corujinha. Cutucou a irmã:

- Camila, espia!

A corujinha estava imóvel, gorducha e quieta, os enormes olhos amarelos observando as meninas.

- Eu pensei que as corujas só aparecessem à noite.

- É noite.

- É de manhã.

- Pelo meu sono é noite. Eu estou até sonhando que uma coruja está olhando para mim.

De repente, a coruja deu um pio agudo e voou.

Todas as manhãs a corujinha estava lá, empoleirada no muro. E desaparecia quando o sol se erguia. Algumas vezes as meninas a surpreendiam de madrugada, ou escutavam seus pios.

- Bom dia, corujinha! – dizia Carolina, abrindo a janela.

Algumas quadras à frente, havia um caminho de terra rodeando um laranjal. As meninas costumavam passear de bicicleta por ali ao entardecer. Certa vez deixaram-se ficar até mais tarde, e Camila viu uma silhueta em um galho alto de uma laranjeira. Parou.

- Carolina, olhe, parece uma coruja.

- É uma coruja.

As meninas apoiaram as bicicletas na cerca e ficaram olhando cuidadosamente procurando por outros pássaros, quando um pio aflito soou perto dela.

No chão, uma corujinha começou a gritar e a bater desesperadamente as asas. A coruja na laranjeira também gritou e voou para perto da companheira.

- Olhe ali, uma toca – apontou Camila.

Um buraco redondo abria-se na encosta logo atrás da corujinha.

- Vamos, Carolina, nós assustamos os bichinhos. Aquela toca no chão deve ser o ninho delas.

- Então as corujas não fazem ninhos nas árvores, como os outros pássaros?

- Eu não sei, não entendo nada de corujas. Se as corujas não gostam de sol, isto faz sentido. Dentro da terra é escurinho.

As meninas muitas vezes viram o casal de corujas no mesmo local, o macho na árvore, a fêmea no chão junto à cerca, perto da toca. No entanto elas não se aproximavam para não assustar as avezinhas.

Quando o verão chegou, as corujas se foram.

Laika

*Crianças e cães
Sons alegres pela casa -
Início das férias.*

As crianças queriam um cachorro. De que adianta morar em uma casa com quintal se não se tem um cachorro?

Mamãe suspirou. Pensou em seus canteiros de flores, na pequena horta, imaginando a terra cavocada e as plantas destruídas. Depois olhou os maracujás que pendiam dos beirais da varanda, os chuchus que se alastravam pelo muro; resolveu isolar os tomates e os temperos em cantoneiras altas e concordou.

Foram à casa de um criador, que um treinador amigo indicara. Uma pastora alemã rodeada por uma ninhada de oito cachorrinhos estava no canil. Os cachorrinhos eram tão pequenos que mais pareciam macias bolas de pelo. Era inacreditável que crescessem tanto e se transformassem em enormes cães de guarda.

- Aquele ali – apontou Camila.

- Não, aquele – interrompeu Carolina.

Foi um gesto cômico porque ambas apontaram o mesmo cachorrinho. Aliás, cachorrinha, que o criador pegou com cuidado e colocou entre as meninas, no chão. A cadelinha bocejou e curvou a língua rosa e longa.

- Que fofa!

- Que hilária!

E ao mesmo tempo:

- Queremos essa, mamãe.

Assim, a cadelinha seguiu entre as duas, no banco de trás do carro.

Houve uma parada obrigatória na loja de animais para comprar ração, biscoitos de cachorro e uma casinha provisória, de pano, para ficar próxima à porta da cozinha, na área de serviço. Mais tarde mamãe compraria uma daquelas bonitas casas de madeira para ficar no quintal.

E o nome?

Lili? Mimi? Negrinha? Fofinha? Branca?

Escolher um nome era muito complicado. Críticas e gozações detonaram escolha após escolha. Finalmente as meninas perguntaram a opinião da mãe.

Antes de o homem chegar à lua – explicou mamãe – enviou ao espaço uma cadela de nome Laika.

As meninas gostaram. O nome de cadelinha ficou sendo Laika.

Laika era alegre e amiga. Gostava de roubar as cenouras em rama e de caçar os passarinhos que se aventuravam pelo quintal.

Passar com ela significava correr ou ser arrastada ao redor do quarteirão. Mamãe pagava o treinador para exercitá-la todos os finais de tarde. Ele ensinou-lhe alguns truques. Ela também aprendeu a defender a família de estranhos na rua.

O treino era interessante. O treinador trazia um parceiro, que passava por um desconhecido, fingia ser um ladrão e simulava ataques e roubos. Por dentro da roupa o rapaz usava protetores acolchoados, para que as mordidas dos cachorros não o machucassem. No entanto, mamãe não deixou que o treinador usasse revólver no treinamento de Laika e justificou:

- Pode ser perigoso e é totalmente desnecessário. Afinal, Laika não está procurando contrabandistas, é só uma cadelinha de família. Nós a queremos para

brincar.

Mamãe tinha razão. Tal treinamento era desnecessário. Quando Laika espiava por cima do muro, todas as pessoas mudavam de calçada.

Um portão gradeado de ferro separava a entrada da garagem do corredor que dava acesso ao quintal. O portão ficava aberto à noite e podiam ouvir como Laika corria ao redor da casa para exercitar-se. Parecia que ela não dormia à noite. Já durante o dia, o portão ficava fechado e Laika dormia ou brincava com as meninas dentro de casa, escondida dos olhares dos vizinhos.

Laika era uma cadelinha meiga, de porte imponente e coração amigo.

Ruídos no telhado.

*Confundo em meu sonho
Os sons das casas antigas
De hoje, de ontem...*

Certa noite ouviram uma barulhada no telhado.

Mamãe acendeu logo as luzes de fora, correram para o corredor, não viram ninguém nos muros nem sobre as telhas. Além disso, Laika estava tranqüila.

Madrugada alta, o barulho voltou acompanhado de fortes miados.

Gatos brigando ou namorando no forro! – reclamou mamãe – não alimentem os gatos, assim eles irão embora.

Não havia o que fazer a respeito, a não ser evitar água ou comida ao alcance dos bichos. Veneno era coisa que nem passou pela idéia da família.

Alguns dias depois os ruídos desapareceram, porém semanas mais tarde escutaram vagidos fracos de tempos em tempos.

- Gatinhos! – a mãe estava contrariada – a gata deve ter dado cria aí em cima.

Uma gata muito prudente, pois nunca conseguiam vê-la.

Certa manhã de domingo, arrumando a mesa do almoço no quintal para um churrasco, Camila olhou para cima e gritou:

- Que gracinha!

Todos olharam.

Uma gata branca e magra saía do telhado para a cobertura da garagem. Atrás dela, cinco gatinhos, branquinhos e fofos, a seguiam em passos inseguros. Os animaizinhos ficaram ao sol por algum tempo. No quintal, Camila nem respirava, os talheres suspensos em suas mãos. Mamãe segurava a travessa da salada sem mover um dedo, e Carolina ficou bem quietinha agarrada em sua cintura. A gata prosseguiu pelo muro inclinado até o portão, de onde pulou para o jardim do vizinho com a filharada, todos livres e belos.

Enfeites de jardim.

*Orvalho da noite-
Nas pétalas das camélias
O sol vira estrelas*

As meninas visitaram a fazenda de Zacarelli, padrinho de uma colega de escola, para ver um enorme jequitibá, árvore em extinção no país, única na região, a árvore mais alta da fazenda e orgulhosamente exibida para os visitantes.

Ora, na fazenda havia um lago para uso do gado, e, no lago, girinos. Zacarelli deixou que as crianças pescassem no lago com latinhas de goiabada. Faziam alguns furos no fundo das latas, amarravam barbantes nos quatro lados, unidos em cima por um nó forte. Abaixando a lata na água, puxando depressa assim que algum girino passasse por cima, puderam pegar vários, que colocaram em um vidro limpo com água. Zacarelli permitiu que levassem alguns e explicou como deveriam fazer para tratar deles até virarem sapinhos.

Mamãe arrumou areia, pedras e plantas para que criassem os girinos em um aquário. A cada dia havia uma novidade: uma patinha aparecia aqui, a cauda encolhia... ao fim tinham cinco sapinhos bem pequeninos, que saltavam no jardim, ao redor de uma piscina artificial – uma bacia velha cheia de água, enterrada entre pedras. Comida para eles não faltava. No jardim havia formigas, joaninhas, borboletas, besouros e moscas.

Os sapinhos em miniatura viraram sapões adultos e verrugosos. Em meio aos cogumelos coloridos de plástico que mamãe espalhara aqui e ali de enfeite, pareciam personagens de um conto infantil.

Certo dia uma visita despedia-se à porta e falou para mamãe:

- Bonito seu jardim. E o sapo até parece de verdade.

Mamãe ficou quieta e escondeu um sorriso, mas Camila não se conteve:

- É de verdade.

E Carolina cutucou com uma folha o bichinho, que pulou. E a visita? Saiu correndo...

Hóspedes inesperados.

Biquinhos de lacre
A saltitar no jardim
Visão musical.

À entrada da casa, havia um pinheirinho, que dava ao jardim um ar festivo durante o ano todo. Era como se fosse Natal dia após dia. Na primavera de 1992 dois acontecimentos curiosos tiveram o pinheirinho como palco.

Primeiro um casal de passarinhos, pequenos, pretos, barulhentos, começou a circular por ali. Ficavam em cima do muro, olhavam para um lado e para o outro e, quando achavam que ninguém estava olhando, mergulhavam em direção ao pinheiro.

Camila foi quem primeiro notou que eles traziam gravetos ou fiapos no bico, e ficavam inquietos quando alguém estava à vista. A família espiava por trás das cortinas da sala para enganá-los.

- Estão construindo um ninho – explicou mamãe.

Duas semanas mais tarde, podia-se ouvir os filhotes, e os pais revezavam-se trazendo agora nos bicos insetos diversos. Era um vai-e-vem frenético, os filhotes pediam comida em agudos pios o tempo todo.

As meninas espiavam pelos vãos da janela, quietinhas, e não se aproximavam do pinheiro, para que os passarinhos voltassem no próximo ano. Mamãe havia dito que, se perturbassem os pássaros, na próxima primavera eles buscariam um outro lugar para o próximo ninho. Os passarinhos voltaram para elas nos próximos anos.

Quando os filhotes começaram a voar foi uma alegria só. Eles caíam, os pais choravam, as crianças ficavam na torcida até que eles alçassem vôo outra vez. Iam de uma pedra a outra, de um arbusto a outro, até o muro. Um belo dia voaram para longe e partiram.

Era a época das migrações. Bem alto no céu, centenas de andorinhas circulavam de forma a escurecer o céu. A gente olhava para cima, esperando ver uma nuvem e lá estava o belo espetáculo das andorinhas em vôo. Um belo dia partiram todas, e o céu ficou vazio e monótono.

O jardim ficou silencioso e calmo por pouco tempo, porém. Certa manhã, Carolina ouviu um zumbido e viu três abelhinhas circulando o topo do pinheiro. Durante toda a tarde apareceram abelhas, até que não se podia mais enxergar o tronco. À noite, mamãe abaixou os vidros de todas as janelas e colocou panos apertados nos vãos das portas.

Na manhã seguinte não se ouviam zumbidos no ar, contudo o pinheiro estava repleto de abelhas, coladas corpo a corpo. Em dado instante uma voou, depois outra e outra, todo o enxame se desenhou no ar, fez uma espiral ascendente e partiu, não se sabe para onde, e foi um mistério terem parado e adormecido ali por apenas uma noite.

O acontecimento realmente perigoso mamãe escondeu das meninas.

Foi pura sorte mamãe ter-se levantado mais cedo. A madrugada ia alta, e a parte superior das janelas da cozinha estavam abertas. As paredes da copa estavam pretas, de insetos compridos e negros. Mamãe ficou paralisada de terror, olhando para eles. Eram vespas. Estavam imóveis, e mamãe fechou a porta, planejando a defesa. Voltou enrolada em um lençol, os cabelos envoltos em uma grossa toalha. Amarrou jornais fortemente torcidos em um cabo de vassoura e acendeu fogo nessa tocha improvisada. Abriu a porta e os insetos, fugindo do fogo, voaram para fora. Mamãe procurou por todos os cantos até que não houvesse mais nenhuma vespa à vista, trancou todas as frestas de

portas e janelas, fez o lanche das meninas e chamou-as para comer, sem mencionar o incidente. Mais tarde telefonou para os bombeiros.

Depois do almoço, alguns homens vieram inspecionar a casa e localizaram o enxame debaixo de uma calha, próximo à caixa d'água. Os bombeiros retornaram à noite, hora em que o enxame se recolhe, adormece e está menos agressivo. As meninas observaram enquanto eles subiam ao telhado, com luvas grossas e máscaras especiais, carregando uma lanterna e um enorme saco plástico. Os homens pegaram o enxame todo, queimaram o local onde estava fixada a casa das vespas, e desceram do telhado. Missão cumprida e ninguém picado.

- Vão matar os bichos? – perguntou Carolina

O bombeiro explicou que iam soltar o enxame no mato, em um local bem longe da cidade, pois não eram vespas venenosas.

- Ah, bom – Carolina não gostaria de que nada acontecesse aos insetos.

- Eles não são maus – explicou mamãe – mas ficam por aí, podem enrolar-se nos cabelos, a gente pode por a mão em cima de algum pousado por aí e então eles picam, e é muito doloroso.

Somente anos mais tarde mamãe contou para as meninas sobre o susto que levava naquela madrugada, e como limpou a cozinha.

- Você foi muito corajosa, mãe, como conseguiu? – perguntaram então as filhas.

- Eu não sei. Acho que quando uma coisa precisa ser feita, bem, a gente faz, de alguma maneira. A gente sempre encontra uma resposta, quando precisa de uma.

- Bem, eu gostaria que isso funcionasse nas minhas provas de matemática - retrucou Camila – As respostas certas nunca aparecem quando eu preciso de uma.

- Talvez você precise de um estímulo mais forte. Leve algumas vespas para soltar em classe – sugeriu Carolina, sempre bem humorada.

Passos no forro

*Estala a madeira.
Em minha imaginação
Escuto fantasmas*

Atrás da casa havia uma edícula. Ali a família organizara a lavanderia e um quarto de brinquedos. Na parede uma lousa, prateleiras para os jogos, uma estante para livros. Uma mesinha, cadeirinhas e espaço bastante para as bicicletas, os patins, bolas etc

Ora, as meninas começaram a ouvir passinhos e guinchos lá no alto. Mamãe armou uma ratoeira. Nada. Três dias depois, sem que estivessem procurando, encontraram a rata com dois filhotinhos em um ninho próximo ao cano da calha.

Os filhotes, de enormes orelhas, eram menores que a maior falange do polegar de Camila.

- Parece a Minie, com Chiquinho e Francisquinho – suspirou Carolina.

- Bem, eu não tenho coragem de matar estas coisinhas tão lindas – confessou mamãe, distraidamente oferecendo migalhas de pão aos bichinhos – é como se estivéssemos matando Mickey Mouse.

- Rato dá doença – gritou Carolina – Não podem ficar aqui.

Os três camundongos foram trancados em uma caixa de sapato e mamãe falou:

- Vamos dar um passeio e soltar os bichinhos no campo.

Saíram as três de carro, entraram por uma estrada de terra até uma curva do Rio Turvo. Aí retiraram o carro da estrada e estacionaram à sombra de uma grande paineira.

- Aqui eles terão água e comida e estão bem longe de casas e plantações.

Camila encostou a caixa em uma pedra e abriu a tampa com cuidado.

A rata espichou o focinho para fora, os bigodinhos tremendo, cheirou a grama e aventurou-se a pisar na terra. Os filhotinhos a seguiram, desengonçados.

- Ah, que olhos tão expressivos! São tão bonitinhos! – comentaram as crianças.

Mamãe disse que ali eles estariam seguros e também não fariam mal a ninguém.

E foram-se embora, felizes por estarem respeitando a vida e o equilíbrio da natureza.

Um susto

*Círculo de fogo
Iluminando o horizonte –
Tarde de verão.*

O estio prolongava-se.

Há sete meses não chovia e a secura do ar ardia e queimava os tomateiros na horta.

Mamãe estava chateada porque até a grama retorcia-se, seca, apesar das duas abundantes regas diárias. Era tão bom colher os tomates pela manhã e comê-los na pizza noturna, saborear os maracujás colhidos no pé, mas... com aquele tempo, só as melancias e as mandiocas iam bem, e mamãe não tinha nenhuma das duas no quintal.

Mamãe trazia as melancias da feira no carro, rolava-as da área pelo chão da casa adentro, lavava-as bem, cortava-as ao meio antes de colocá-las para gelar. Elas ocupavam muito espaço na geladeira e seu sabor era doce, bom.

Foi em uma dessas tardes quentes que aconteceu o mais estranho fenômeno, algo de que nunca haviam ouvido.

Lá pelas cinco da tarde, mamãe voltava da padaria com Carolina. Camila ficara em casa, embalando-se na rede, pendurada lá fora no fundo do quintal.

O céu estava muito claro, de um azul translúcido, sem sequer um fiapinho de nuvem em nenhum cantinho. O ar, parado. Não se ouvia um passarinho cantando, não se avistava um inseto voando.

Mamãe e Carolina estavam olhando a casa, prestes a atravessar a rua, quando viram uma luz branca concentrar-se e explodir no espaço acima do telhado. Na explosão formou-se uma bola de fogo que iluminou tudo ao redor com seus raios alaranjados e vermelhos, antes de desaparecer completamente.

Ondas de pressão empurraram mamãe e Carolina para trás. Camila, no quintal, caiu da rede e que pensou que a casa havia sido atingida por um raio.

Os vizinhos correram a espiar o que acontecera, mas já não havia nada mais para ser visto.

Sorte não haver nenhum utensílio doméstico funcionando naquela hora. A vizinha, que estava na cozinha no momento da explosão, utilizando a liquidificador, foi jogada para trás e teve a mão queimada. Ela perdeu na hora tudo o que estava ligado: o liquidificador, o ventilador, a televisão e o videocassete, porém ficou satisfeita por ter morrido com o choque nem ter a casa incendiada, já que os fios dos aparelhos ficaram todos torrados.

O céu continuou límpido e ninguém soube explicar o que era aquela estranha bola de fogo.

Peixes

Chove, chove, chove...

Belo quadro impressionista

Escorre no vidro

No oeste paulista o calor é intenso e o tempo seco chega a durar oito meses.

As chuvas acontecem de novembro a março, e que chuvas! Olhando o horizonte, pode-se vê-la caindo, lá longe, parada no ar ou movendo-se pela planície.

- Como é estranho ver a chuva! – não se cansava de repetir a mãe.

Durante toda a juventude, mamãe morara no litoral, entre as montanhas e o mar. Lá, as nuvens vêm do oceano, batem no paredão da serra e deságuam.

A chuva da planície é diferente. Quando não há vento, pode-se vê-la geometricamente desenhada no espaço.

As chuvas de verão caíam fortes durante a madrugada e algumas vezes ao final da tarde. As águas desciam ladeira abaixo como uma corredeira, inundando calçadas, jardins e levando de roldão o que quer que encontrassem em seu caminho. Caixas de papelão e sacos plásticos passavam boiando rápido rua abaixo.

Depois a chuvarada parava de repente, e, por entre os grossos pingos que caíam dos beirais do telhado, um sol intenso rasgava as nuvens e enxugava os céus.

Ora, foi justamente em um destes momentos que o sol reclamava seus direitos à dona chuva, que os três meninos subiram a ladeira com um peixe vivo nas mãos, aos gritos:

- Eu nunca vi chover peixe, meu!

- Segura forte, ele pula!

- Será que dá para comer?

- Claro! É nosso jantar!

Carolina e Camila correram para fora:

- Mamãe, está chovendo peixe!

As duas meninas se debruçaram sobre o portão olhando curiosas para os meninos.

- Onde vocês pegaram este peixe?

- Ele vinha subindo a rua.

- Você quer dizer descendo.

- Não, eu disse subindo. Apoiado nas barbatanas como se fossem patas.

O vizinho saíra para limpar a calçada das folhas e caixas acumuladas contra a sua árvore e também veio espiar o peixe. Era um peixe branco, de barbatanas amarelas, aí de uns 40 cm, gordo e apetitoso.

Os meninos colocaram o peixe em uma sacola plástica que vinha boiando calçada abaixo e se foram.

- Meninas, saíam do molhado! – mamãe veio de galocha e guarda-chuva até a calçada.

Nisto, o vizinho correu, agachou-se e levantou algo do chão. Outro grande peixe.

- Um peixe subindo a rua! Que coisa incrível! Não é que os meninos tinham razão? Esse é mesmo um peixe que anda!

- Só ouvi falar de peixes que andam, na África – comentou mamãe.

- É mesmo um peixe africano – explicou a moça que saiu da casa grande da esquina. Era uma moça alta, calada, órfã de pais, que morava sozinha na grande mansão com um enorme cachorro negro chamado Átila – Meu primo trouxe alguns para mim o

Uma casa no interior – Sonia Rodrigues

mês passado e eu estava criando em meu quintal; com esta chuvarada o tanque transbordou, a piscina transbordou, o quintal todo inundou e meus peixes fugiram. Eles andam. Na África, mudam-se de um lago para outro caminhando com suas fortes barbatanas, e resistem horas sem água.

O vizinho fez menção de devolver o peixe. A moça dispensou-o com um gesto:

- Fique com ele. Assado na brasa com manteiga é muito gostoso.

Enquanto a moça se afastava, as meninas seguravam a vontade de pedir um peixe para elas também. O vizinho agradeceu em voz alta e comentou em voz baixa:

- Chama o cachorro de Átila. Cria peixe africano no quintal. Que esquisitice! Sei não...

Vendaval

*Rodopiando as nuvens
Ventos pincelam nos céus
A manhã de outono*

Corria o mês de maio, uma sucessão de dias ensolarados, secos e ainda bastante quentes. O ar rachava peles e lábios, além de provocar sangramentos nos narizes mais sensíveis. Era preciso passar creme no corpo todo e manteiga de cacau nos lábios com frequência.

Carolina e Camila gostavam de cuidar da beleza e brincar de mocinha sem levar bronca da mãe. Mamãe não deixava que elas pintassem as unhas nem que usassem batom colorido nos lábios como faziam outras meninas, exceção feita para os dias de Carnaval.

Mamãe colocava bacias com água nos quartos, para manter a umidade dentro de casa.

Nas estradas, peões botavam fogo no capim seco, e no campo, para os lados de Pitangueiras, os donos de terra incendiavam os canaviais, para facilitar o corte da cana, porque era mais barato que comprar a máquina para fazer o serviço. Os incêndios pioravam o problema do clima.

Certa tarde, voltando de Pirangi, onde tinham ido tomar sorvete artesanal, viram uma mancha negra aparecer no horizonte. Mamãe a percebeu pelo retrovisor, rodeada por um halo esverdeado que cintilou rápido e desapareceu. Mamãe não gostou do que viu.

- O que é aquilo lá atrás, meninas?

As garotas olharam.

O céu ficara negro no horizonte e o negrume espalhava-se de leste a oeste em pinceladas rápidas. A seguir avançou rapidamente para o sul, cobrindo uma área cada vez maior do céu.

Mamãe acelerou o carro.

O vento assobiou agudo, trazendo folhas e areia aos rodopios, fazendo o carro estremecer.

- Não quero estar na estrada quando isto chegar – e mamãe tornou a acelerar, um pouco mais.

- As nuvens estão longe – começou a falar Carolina, mas não terminou de formular seu pensamento. Gigantescos blocos negros rolavam uns sobre os outros, bem alto nos céus, enrodilhando-se entre si com um roncar grave e profundo.

- Estou entendendo porque os vikings comparavam as nuvens com cavalos galopando os céus – comentou Camila, que andava a ler mitologia – As Valquírias furiosas estão guerreando lá por cima.

Carolina suspirou:

- Que bonito! Nós chegaremos antes delas, não é, mamãe?

Mamãe saiu da estrada e entrou em um estacionamento de um grande shopping. Ainda estavam longe de casa, embora esta fosse uma das entradas para a cidade. As árvores do estacionamento dançavam, flexíveis, um bailado selvagem de círculos e espirais. O carro, embora brecado, estremecia.

O céu agora estava todo preto e os rolos de nuvens lançavam-se para o sul furiosamente, sem que nenhuma gota caísse ao solo. Através dos vidros fechados podiam adivinhar folhas, gravetos e poeira rodopiando

- Que é isso, mamãe?

- É a tempestade. Que bom que conseguimos sair a tempo da estrada – respondeu mamãe, mas em silêncio ela pensava ‘é um tornado’.

Vinte minutos depois o céu clareou e era estranho ver o azul se estendendo como um lençol vindo do norte enquanto o negro, o vento, a sujeira, desapareciam em direção ao sul. O silêncio doía nos ouvidos. Era pelo silêncio que as meninas agora lembravam o assobio assustador do vento.

- Como é possível, mãe? Aquela tempestade passou por nós tão alto que nem uma gota caiu do céu! E esta segura! A garganta até dói para engolir!

- Bem, eu não quero estar debaixo daquela nuvem, quando ela resolver chover – e mamãe sorriu, aliviada - Tenho água aí, atrás, no isopor dos piqueniques.

Aquela noite elas souberam onde a tempestade tocou a terra. Foi em Ribeirão Preto, onde ventos de 200 km por hora derrubaram portões, cartazes e pontes, as águas fizeram o rio transbordar e dois terços da cidade sofreu toda sorte de prejuízos.

- Que clima estranho!- comentou Camila – Os jornalistas disseram que isto nunca aconteceu antes nesta região.

Ciclone em Taiúva

*Com tal calorão
Um sono cansado vem...
Cansado...cansado...*

No dia seguinte ao vendaval, Fátima, a faxineira, que morava em Taiúva, cidade pequena no caminho entre Bebedouro e Ribeirão Preto, veio pedir ajuda para mamãe e contou uma estranha estória:

‘Uma mancha verde esmeralda, límpida, cristalina, derramava - se delgada no poente. O céu restante todo azul imaculado, o ar parado, abafado, sufocante da estiagem brava.

Fantástico. Fantasmagórico. Fátima nunca vira um céu como aquele. Sentiu o coração apertado, e embora fosse dia de pagamento, ela não parou na quitanda, nem na padaria. Para casa! Uma sensação de urgência a impelia a correr, a correr...enquanto outros imobilizavam - se, nariz para o alto, a admirar o curioso fenômeno.

Súbito o céu fez - se negro e a tempestade surgiu do nada, furiosa e bela, a estrugir, a ribombar, a crepitar elétrica em formidáveis estrondos e clarões diluvianos.

Entrando em casa, Fátima teve o justo tempo de gritar pelas filhas, que saíram do quarto onde estavam a estudar, para abraçá - la.

Um tremor de rachar pedras abalou a casa e lá estavam as três, completamente encharcadas, expostas à fúria incontrolável dos elementos, a olhar os campos onde antes houvera uma parede.

Telhas , tijolos, camas, armários - tudo o vento impiedoso carregara em sua veloz, alucinada, devastadora, louca trajetória.

Em frente houvera outra casa, uma porteira, árvores... Nada, somente um rastro nu e sinuoso.

Tudo cessou de repente.

O céu cintilava azul e claro, o ar retomava a imobilidade de antes, o silêncio até doía

E a noite surgia de manso no horizonte, pincelando com toques escuros o contorno das colinas.

- E agora, mãe, como é que vai ser?

Fátima lembrou - se que todas as suas economias, mais o salário do mês, estavam na gaveta da cômoda...’

Mamãe guardou na edícula as coisas que Fátima conseguira salvar até que ela se reorganizasse. Ela ficou dormindo com vizinhos, que se juntaram em mutirão para financiar algum material e consertar as paredes caídas de sua casa.

Em tempos de necessidade, há solidariedade.

Árvores

*No alto da paineira
Escolhe róseo enxoval
Mamãe João-de-barro*

O melhor de se morar no interior são as árvores, na opinião de Carolina, que vivia como uma macaquinha empoleirada em tudo que era tronco a seu alcance.

No quintal da casa havia uma acácia, que cobria o solo de folhinhas o ano todo e de flores amarelas na primavera. Carolina passava horas em seus galhos, conversando com a filha da vizinha, que também se chamava Carolina, e que passava horas trepada em sua goiabeira.

No tronco da acácia penduravam uma das pontas da rede, quando queriam embalar-se à sombra. Ali embaixo era um local fresquinho para desenhar, brincar de casinha ou fazer bolinhas de sabão.

Na cidade e nos arredores havia árvores memoráveis.

Na praça em frente à Fecib (Feira de Cítricos de Bebedouro), espaço que funcionava como um clube de esportes, embora tivesse sido criado para um pavilhão de exposições, havia quatro seculares mangueiras. De seus galhos cipós grossos lançavam-se ao solo como franjas de cortinas. Os imensos troncos sustentavam copas de dez metros de diâmetro, carregadinhas sempre ou de frutos ou de passarinhos ou de crianças, conforme o horário e a estação.

Na praça da igreja matriz imperava o tamarindeiro, a árvore mais antiga da cidade, segundo o historiador local. Quando chegaram a Bebedouro, mamãe passou uma tarde catando os tamarindos recém caídos, com a ajuda das meninas que tentavam em vão escalar o tronco íngreme. A pasta de tamarindo é ácida e seu suco não agradou ao paladar das crianças. No tronco da árvore muitos corações e nomes gravados, tradição de namorados antigos. O povo contava que um dos prefeitos quisera cortar o tamarindeiro, mas a população deu as mãos e fez roda em torno da árvore, não deixando que os bombeiros chegassem perto, sacudindo cartazes com dizeres semelhantes a ‘derrube as suas próprias árvores para fazer o seu churrasco’; até o prefeito desistir. O poeta da terra, Osvaldo Schiavon, escrevera uma poesia muito bonita, que mamãe procurou na biblioteca local para ler para as meninas, sobre o tamarindeiro.

As árvores preferidas da família eram as duas paineiras.

Havia uma na estrada para Taiúva, solitária em meio aos campos de pastagens. De abril a junho cobria-se de flores e refrescava os olhos do viajante. Era ainda mais bonita por surgir inteira depois de uma curva fechada do caminho, causando impacto.

A que deixou melhores lembranças foi a paineira de Batatais, às margens da cachoeira, palco dos piqueniques familiares. Ora verde, ora rosa, ora branca, cobria as crianças com sua sombra, suas flores ou sua paina macia, no decorrer do ano.

Quando iam a Batatais saíam cedo, com trajes de banho debaixo dos vestidos. Mamãe nunca entrava na cachoeira, pois não gostava da água fria, mas deitava-se na grama para tomar sol. Em um isopor levavam água, sanduíches e frutas. Levavam também um saquinho para colocar o lixo, deixando o lugar sempre tão limpo quanto o encontravam. Levavam peteca, bola, corda de pular e divertiam-se a valer. Geralmente convidavam uma ou duas amigas e o passeio ficava ainda mais divertido. Na volta,

Uma casa no interior – Sonia Rodrigues

passavam na famosa praça onde os arbustos eram podados em forma de bichinhos e letras, visitavam a igreja para rever os quadros de Portinari lá expostos e vez por outra iam a um restaurante ou à Casa da Cultura – quando havia exposições ou quando alguém da família aparecia para conhecer a região.

A paineira de Batatais ficou no álbum de fotografias, mas todas as outras belas árvores permaneceram na memória e nos corações da família como amigas solidárias e silenciosas.

Os presentes da noite.

*‘Há sombras na lua
Minha avó contando histórias
Que encantam a noite’*

Dormir no interior é ser acalentado pela natureza.

Quando se preparavam para deitar-se em sua primeira noite no interior, mamãe, movida pela força do hábito, falou sem raciocinar, o que não era próprio dela:

- Que delícia, meninas, dormir com todo esse silêncio.

Camila olhou para Carolina e então falaram ao mesmo tempo:

- Que silêncio, mãe, está a maior barulheira!

As noites nunca são silenciosas. Há os sapos, as cobras, as corujas e muitos outros bichos que contribuem com seu timbre para incrementar a sinfonia noturna.

Nas noites de ventos as folhas participam com seu farfalhar e quando chove é que o soninho fica mais gostoso. Não sei de coisa melhor do que dormir com chuva.

Para a avó, acostumada na cidade, os sons da noite eram pura tortura. Ela sentia-se ameaçada pela natureza.

Camila ria:

- Não há nenhuma onça lá fora, vó, são só os sapos.

- E o grilo.

- Grilo?

Curioso que um grilo aparecia sempre que a avó aparecia de visita, grudava bem embaixo de sua janela, ficava noites seguidas no mesmo lugar a estrilar compriiiiiiiiiiiiido... e desaparecia quando a avó ia embora.

Carolina piscava o olho, sapeca:

- Venha sempre, vovó. Quando você vem, tem grilo na janela e eu adoro a música do grilo.

Com grilo ou sem grilo, o céu noturno oferecia um espetáculo à parte. Longe dos grandes centros, longe dos holofotes e da excessiva iluminação artificial, ainda se pode apreciar a noite plena em todo seu esplendor, com seu negrume aconchegante ou com sua claridade romântica.

As noites contemplativas semeavam paz em suas almas, acompanhadas de pipocas e estórias de fadas, sacis, deuses gregos e gnomos; toda uma multidão de seres mágicos saltavam da imaginação e povoavam a casinha acolhedora.

Sentavam-se todas na varanda ou na soleira da porta da cozinha. Mamãe então apagava as luzes e aquela beleza única lhes pertencia – aquele luar de prata e todas aquelas estrelas.

E todas aquelas estórias.

ÍNDICE

- 4...Uma cidade no oeste paulista**
- 5...Sentinelas na noite.**
- 6...Laika**
- 8...Ruídos no telhado.**
- 9...Enfeites de jardim.**
- 10..Hóspedes inesperados.**
- 12..Passos no forro**
- 13..Um susto**
- 14..Peixes**
- 16..Vendaval**
- 18..Ciclone em Taiúva**
- 19..Árvores**
- 21...Os presentes da noite.**

Título:

"UMA CASA NO INTERIOR"

Personalidades:

SÔNIA REGINA ROCHA RODRIGUES - Autor(a)

Registro:

330984, em 03/09/2004

Gênero:

Contos/Crônica

Obra Publicada: 2013

Tipo de Apresentação:

Impressa/Computador, 20 página(s).

ISBN - 85-904649-2-X

